

DENUNCIANDO PRECONCEITOS, UMA LEITURA DE *LETTERA A UN BAMBINO MAI NATO*

Márcia de Almeida (UFJF)

A partir de 2001, com o lançamento de *La rabbia e l'orgoglio*, escrito sob o impacto do ataque às torres gêmeas de Nova York, Oriana Fallaci retomou um lugar de destaque no âmbito da crítica literária e tornou-se, mais uma vez, centro da atenção de setores ligados, por exemplo, à religião e à política. O livro, que traz questões contrárias à voga do discurso “politicamente correto”, teve mais de um milhão de cópias vendidas, só na Itália, e foi seguido pela publicação de dois outros sucessos editoriais: *La forza della ragione* (2004) e *Oriana Fallaci intervista sé stessa* (2005), que, em conjunto, foram classificados como uma trilogia.

Sem querer aprofundar, aqui, a temática de tal trilogia, que gerou, entre outras reações, inúmeras ameaças de morte à escritora, reconhecemos, também nesses últimos textos, certas constantes da escritura de Fallaci.

Poderíamos afirmar que uma de suas características mais recorrentes é a preferência por questões polêmicas e a propriedade no seu tratamento, seja em sede ensaística, seja sob um viés mais propriamente literário.

Tendo se iniciado como jornalista, a autora, morta no ano passado, parece trazer dessa profissão a preocupação criteriosa de investigar sob todos os ângulos os questionamentos que empreende em sua obra literária.

Assim também acontece em *Lettera a un bambino mai nato*, da década de setenta, no qual a escritora já aliava sua objetividade de jornalista à sensibilidade da literata. O texto, publicado em 1975, segundo Maria Giovanna Maglie (2002), teria tido sua gênese na encomenda por parte de Tommaso Giglio, diretor da revista *Europeo*, de uma matéria sobre o aborto, cuja liberação era discutida naqueles anos na Itália. Acostumado ao estilo de sua funcionária, Giglio aceitou que o artigo tomasse o formato de conto, só não previu que este seria transformado em livro, publicado pela editora Rizzoli.

Peculiar na forma e na substância, *Lettera a un bambino mai nato* se estrutura como um longo monólogo de uma mulher que, descobrindo-se grávida, imagina sua comunicação com o ser que traz no ventre através de uma carta, na qual apresenta o dilema, tão antigo quanto o mundo, de “dar a vida ou negá-la”¹, como expresso na dedicatória da autora “a todas as mulheres”².

Esse discurso, ao mesmo tempo racional e apaixonado, é contemporaneamente enriquecido pelas considerações dos outros personagens: seu pai e sua mãe, um médico conservador, o pai da criança, uma amiga, o patrão, uma médica e, finalmente, o menino. E revela posições da Igreja, do Estado, da sociedade e das feministas em relação à gravidez e à sua interrupção.

A respeito da narradora sabe-se, primeiramente, que é uma mulher solteira e sozinha, e seu estado civil suscita a desaprovação por parte do médico, que, pressupondo que ela tentaria desvencilhar-se do filho, decide alertá-la sobre a proibição legal do aborto.

“Parabéns, senhora!” Automaticamente corrigi: “Senhorita.” Foi como se tivesse lhe dado um tapa. Solenidade e alegria desapareceram e, olhando-me com uma indiferença proposital, respondeu: “Ah!” [...] Tanto o médico quanto a enfermeira se comportavam como se eu lhes fosse antipática. Não me olhavam no rosto. [...] [O médico] me deu também alguns conselhos.

[...] O importante é que eu não fume demais, não faça exercícios excessivos, não tome banho com água muito quente, e não pense em soluções criminosas. “Criminosas?” perguntei, surpresa. E ele: “A Lei proíbe. Lembre-se!”³

Na seqüência, outros personagens demonstram tristeza ou surpresa em relação à gravidez da narradora e, em sua explicação ao filho, podemos perceber que a autora critica as rotulações negativas que a sociedade patriarcal, vendo contrariadas as suas expectativas padronizadas em relação à maternidade, aplica à mãe solteira.

Temo que você deverá acostumar-se com essas coisas. No mundo no qual você se prepara para entrar, apesar dos discursos sobre os tempos que mudam, uma mulher que espera um filho sem ser casada é vista na maioria das vezes como uma irresponsável. No melhor dos casos, como uma extravagante, uma provocadora. Ou uma heroína. Nunca como uma mãe igual às outras.⁴

Outro dado que caracteriza a narradora é seu sucesso profissional, que lhe garante independência econômica e reconhecimento. Na passagem em que ela dá a notícia da gravidez ao patrão, percebemos a oportunidade criada por Fallaci para discutir o binômio maternidade-trabalho e a denúncia de um senso comum que considera os dois termos inconciliáveis.

Entre em seu escritório e lhe contei. Perdeu o fôlego. Depois se recuperou e gaguejou que respeitava a minha decisão, aliás, me admirava muitíssimo por tê-la tomado, me considerava muito corajosa, porém seria melhor não contar para todo mundo. “Uma coisa é comentar entre nós, pessoas do mundo, outra coisa é comentar com quem não pode entender. Ainda mais que você poderia mudar de idéia, não é?” Insistiu muito nesse fato de mudar de idéia. Pelo menos até o terceiro mês, eu tinha todo o tempo para pensar mais, dizia, e rever essa decisão seria sinal de sabedoria: a minha carreira estava tão bem encaminhada, por que interrompê-la por um sentimentalismo? Que eu pensasse bem, não se tratava de interrompê-la por poucos meses ou um ano: se tratava de mudar todo o curso da minha vida. Eu não poderia mais dispor de mim mesma e não esquecêsemos que a empresa tinha me lançado contando justamente com a disponibilidade que eu oferecia. Ele tinha em mente belos projetos para mim. De qualquer modo, se eu revisse minha decisão, era só falar com ele. Ele teria me ajudado.⁵

A autora nos apresenta, pois, a descrição de uma mulher emancipada. Porém, longe de apoiar as teses radicais das feministas da época e fazer a defesa seja do aborto, seja da decisão da maternidade voluntária e independente, Fallaci recusa qualquer tendência propagandística e cria um personagem feminino de complexa classificação, que avança para as conquistas das mulheres contemporâneas e, ao mesmo tempo, recua a uma culpa ancestral. É o que podemos notar, por exemplo, na passagem em que a narradora, após um período de repouso requerido pelo médico, ao ver-se aconselhada a não se aborrecer, desabafa:

Sou uma mulher, por Deus, sou uma pessoa. Não posso desatarraxar o cérebro e proibi-lo de pensar. Não posso anular os meus sentimentos ou proibi-los de se manifestar. Não posso ignorar uma raiva, uma alegria, uma dor. Tenho as minhas reações, os meus sustos, os meus desânimos. Mesmo se pudesse, não gostaria de desfazer-me deles para reduzir-me ao estado de um vegetal ou de uma máquina fisiológica que serve apenas para procriar. Como você é exigente, menino. Primeiro quer controlar o meu corpo e privá-lo de seu direito mais elementar: o de se mover. Depois quer até mesmo controlar a minha mente e o meu coração: atrofiando-os, neutralizando-os, tirando deles sua capacidade de sentir, pensar, viver! [...] Isso é demais, é inaceitável. Se quisermos ficar juntos, menino, temos que estabelecer pactos. [...] Eu te faço uma concessão: engordo, te dou meu corpo. Mas a minha mente não. As minhas reações não. Essas são minhas. E, além disso, quero também uma recompensa: os meus pequenos prazeres. [...] vou retomar o meu trabalho, vou recomeçar a existir como pessoa e não como invólucro, e choro, choro, choro, sem te perguntar se te faz mal. Porque estou cheia de você!

Perdoe-me. Eu devia estar bêbada, enlouquecida [...] Que crise de fúria imbecil, que cena desagradável. Egoísta. Como você está, menino? Melhor do que eu, espero.⁶

O mais interessante, contudo, na construção desse personagem, é que a autora, contrariando, como vimos, os pressupostos feministas que defendiam a superioridade das mulheres, antecipa os Estudos de Gênero (LAURETIS, 1992), propondo a análise do feminino em reciprocidade com o masculino e reconhecendo a sua definição diferenciada e hierarquizada como um produto da cultura. Dessa forma, ao imaginar qual seria a sexo do bebê, a narradora faz uma revisão dos papéis que o sistema sexo-gênero prevê tradicionalmente para homens e mulheres e exprime seu desejo de que seu filho possa ultrapassar essa classificação.

Na hipótese de que esteja gerando uma menina, o personagem feminino chama atenção para as bases patriarcais de nossa sociedade e suas conseqüências no âmbito da história, da religião, da cultura e da linguagem. E, embora reconheça os obstáculos para a afirmação feminina num “mundo fabricado pelos homens”, suas considerações, ao contrário de configurarem um lamento, caracterizam-se por determinação e otimismo.

Gostaria que você fosse menina. [...] não concordo de jeito nenhum com minha mãe que acha que nascer mulher seja uma desgraça. [...] Eu sei: o nosso é um mundo fabricado pelos homens, sua ditadura é tão antiga que se estende até à linguagem. [...] Nas lendas que os homens inventaram para explicar a vida, a primeira criatura não é uma mulher: é um homem chamado Adão. Eva chega depois, para diverti-lo e causar problemas. [...] Deus é um velho de barba, nunca uma velha de cabelos brancos. E todos os seus heróis são homens [...]. No entanto, e por isso mesmo, ser mulher é tão fascinante. É uma aventura que requer muita coragem, um desafio que não cansa nunca. [...] Para começar, você vai ter que lutar para defender que, se Deus existisse, poderia também ser uma velha de cabelos brancos ou uma bela jovem. Depois vai ter que lutar para explicar que o pecado não nasceu no dia em que Eva colheu a maçã: naquele dia nasceu uma esplêndida

virtude chamada desobediência. [...] Você vai se esforçar muito gritando essas coisas. E muitas vezes, quase sempre, vai fracassar. Mas não deve perder a coragem. Lutar é muito melhor do que vencer, viajar é muito mais divertido do que chegar [...].⁷

Continuando seu raciocínio, na eventualidade de o bebê ser um menino, há novamente o elogio da coragem para romper a classificação estereotipada, e o desejo de que a emoção e a sensibilidade não sejam considerados atributos apenas do feminino, imanes, na definição de Simone de Beauvoir.

Mas, se você nascer menino, também ficarei contente. E talvez até mais, porque isso vai poupar você de muitas humilhações, muitas opressões, muitos abusos. Se você nascer homem, por exemplo, não precisará temer ser violentado em uma rua escura. Não precisará de um rosto bonito para ser aceito no primeiro olhar, de um belo corpo para esconder sua inteligência. Não receberá críticas malvadas, quando dormir com quem você quiser [...]. Naturalmente, sofrerá outras privações, outras injustiças: nem mesmo para um homem a vida é fácil, sabia? Pois, como você tem músculos mais fortes, farão com que carregue fardos mais pesados [...]. Como você tem barba, vão rir se você chorar e se precisar de ternura. Como você tem uma cauda na frente, vão te mandar matar e morrer na guerra e exigirão sua cumplicidade para continuar a tirania que instauraram enquanto viviam nas cavernas. Todavia, ou por isso mesmo, ser um homem também será uma aventura maravilhosa [...]. Pelo menos, espero, porque, se você nascer homem, espero que seja um homem como eu sempre sonhei: sensível com os fracos, feroz com os prepotentes, generoso com quem te quer bem, duro com quem te oprime.⁸

Mais adiante, a narradora diz ao filho que não vai lhe impor nenhuma norma de comportamento segundo o sexo e que se recusa a compactuar com o sistema binário que divide homens e mulheres. Ou seja, vemo-nos, novamente, na presença de um discurso que mostra sintonia com as teorias de gênero que, mais tarde, investigariam o poder dos aparatos culturais na definição e hierarquização dos papéis femininos e masculinos.

E, antes de mais nada, o que eu quero é que você seja uma pessoa. É uma palavra maravilhosa a palavra pessoa, porque não impõe limites a um homem ou a uma mulher, não traça fronteiras entre quem tem a cauda e quem não tem. Além disso, a linha que separa quem tem a cauda de quem não tem é uma linha tão sutil [...]. O coração e o cérebro não têm sexo. Nem o comportamento. Se você for uma pessoa de coração e cérebro, lembre-se, eu não vou ser daqueles que vão querer impor a você que se comporte de um modo ou de outro, como homem ou mulher. Só vou pedir que você aproveite bem o milagre de ter nascido, que não ceda à covardia.⁹

Em vários momentos da narrativa, como nas últimas citações, há referência à coragem, à luta e à guerra. De fato, Maglie (2002), em sua análise da produção de Fallaci, diz que seus textos trazem ecos de sua experiência como *partigiana* e correspondente de guerra, e que a escritora parece estar “*in guerra, ovunque*”¹⁰, sempre

em guerra, em todo lugar. É esse espírito de combate a qualquer tipo de imposição que percebemos no livro, quando, por exemplo, a narradora diz ao filho: “Você não pertence nem a Deus, nem ao Estado, nem a mim”¹¹. Dessa forma, *Lettera a un bambino mai nato* critica, de uma só vez, a Igreja e as leis, que ainda proibiam o aborto na Itália, e o movimento feminista, que afirmava que o feto pertencia somente à mulher. E reflete a intenção de sua autora de não sucumbir, sem discussão, a nenhuma crença ou teoria predeterminada.

Esse mesmo impulso de recusa pode ser percebido quando a narradora decide ter o bebê, apesar das tentativas da amiga, do patrão e do pai da criança de demovê-la dessa idéia. Ela não vê a maternidade como um dever, mas como uma escolha pessoal e responsável e, por isso, diz ao filho:

Assumo a responsabilidade da escolha. Assumo-a sem egoísmo, menino: colocar você no mundo, juro, não me diverte. Não me vejo caminhando pela rua com um barrigão, não me vejo amamentando, dando banho e ensinando você a falar. Sou uma mulher que trabalha e tenho muitos outros compromissos e curiosidades: já te disse que não preciso de você. Mas vou te levar adiante do mesmo jeito, quer te agrade ou não.¹²

Em outro momento, contrariando as ordens do médico que prescreve repouso absoluto, ela deixa o hospital, consulta uma médica mais progressista e retoma sua vida normal. Porém, durante uma viagem de trabalho ela perde o bebê e, em um sonho, imagina a instauração de um inquérito para apurar sua culpa no fato ocorrido.

O processo, cujo júri é composto por todos os personagens, que atuam como jurados e juízes, propicia, mais uma vez, a expressão, cara à autora, de vários pontos de vista.

O médico julga a ré culpada de homicídio premeditado, pois, na sua opinião, desde o início ela não queria a criança, embora afirmasse o contrário. Ele diz não poder apresentar provas materiais do crime por tratar-se de um aborto inconsciente, mas afirma ser um indício válido o fato de tratar-se de uma mulher que “não acredita nas leis da sociedade. Recusa Deus, a pátria, a família, o casamento, os próprios princípios de convivência”.¹³

A médica inocenta a ré, alegando que, mesmo se fosse o caso de um aborto cometido através do pensamento, o que ela não acredita ser verdade, sua paciente seria absolvida por tratar-se de legítima defesa. Ela diz, então:

A gravidez não é uma punição infligida pela natureza para cobrar a emoção de um momento. É um milagre, e deve se desenvolver [...] espontaneamente [...]. Se não evolui de modo normal, você não pode pedir a uma mulher que fique meses e meses deitada em uma cama como uma parálitica. Em outras palavras, você não pode exigir dela a renúncia de sua atividade, de sua personalidade, de sua liberdade. [...] Evidentemente, meu colega não concede às mulheres o mesmo direito que concede aos homens: o de dispor do próprio corpo.¹⁴

O pai da criança renuncia a seu direito de palavra, como antes desertara da responsabilidade da paternidade, mas não se abstém de seu voto: culpada. Seu ato

provoca a ira da amiga, que condena sua hipocrisia e faz um longo discurso contra a opressão da sociedade androcêntrica sobre as mulheres.

Há milênios que vocês nos impõem os seus vocábulos, as suas leis, os seus abusos. Há milênios usam o nosso corpo sem nenhum compromisso. Há milênios que nos impõem o silêncio e nos relegam ao papel de mãe. [...] Aqui não se processa uma mulher [...]: se processam todas as mulheres.¹⁵

Chega a vez do patrão que, confessa-se aliviado com o fim daquela gravidez, que ele considerava “um obstáculo. Pior: uma catástrofe que lhe custaria um monte de dinheiro. Bastava pensar no salário que ele teria que lhe pagar nos meses de licença, graças a uma lei absurda e reprovável.”¹⁶ Quanto ao julgamento de sua funcionária, convencido pelas palavras do médico, considerava-a culpada.

Nesse momento do processo, a mulher busca o apoio dos pais, que poderiam, com seus votos de inocência, absolvê-la. O pai diz que já sofrera duas vezes: quando soubera da gravidez e quando da notícia de sua interrupção. Não desejava, pois, passar por um terceiro e maior sofrimento que seria ver a filha condenada. A mãe declara que, como mãe, aceitava qualquer decisão da filha sem condená-la e que, na verdade, ninguém ali poderia julgá-la com propriedade a não ser o próprio filho.

Este, então, toma posse da palavra e, em seu testemunho, confirma nossa menção inicial à acuidade de Fallaci na abordagem de questões polêmicas. Seu depoimento explicita a crença da autora na existência de várias verdades, de vários pontos de vista.

Deixe-me falar, mãe. Não tenha medo. Não precisa ter medo da verdade. De qualquer forma, ela já foi dita. Cada um deles disse uma verdade, e você sabe disso: foi você mesma que me ensinou que a verdade é feita de muitas verdades diferentes. Estão certos aqueles que te acusaram e aqueles que te defenderam, os que te absolveram e os que te condenaram.¹⁷

Ao final do julgamento, o filho diz “Somente eu, mãe, posso afirmar que você me matou sem me matar.”¹⁸ E, nas palavras da mãe, vem a explicação do veredicto: “Você tinha me julgado culpada, porque eu me julgava culpada, tinha me condenado porque eu me condenava”¹⁹. Assim, a autora denuncia que, por vezes, é a própria mulher a culpar-se pela infração às rígidas leis da sociedade patriarcal, que, no entanto, fazem parte do seu percurso de redefinição identitária.

Após o veredicto, vem a sentença: morrer junto com o filho, mas a autora prefere deixar em aberto essa conclusão. De fato, não sabemos se a narradora é socorrida a tempo de sobreviver, mas, como ela mesma diz: “não importa. Porque a vida não morre.”²⁰

Na verdade, mais importante é perceber que, por meio desse processo imaginado pela escritora, a questão do aborto, que deu início ao livro, ultrapassa limites. A problemática se enriquece com a discussão dos médicos sobre quando se inicia a vida, se no momento da concepção ou no do nascimento. As análises compreendem o discurso da Ciência, o da Igreja e o da causa feminista. E a obra se amplia no tratamento de outros temas, como a liberdade, a sociedade de consumo capitalista, os papéis sociais e o significado da vida.

Notas:

¹FALLACI (1975, p. 5). São minhas todas as traduções do italiano. Texto original: “dare la vita o negarla”.

²Idem. p. 5. Texto original: “per tutte le donne”.

³Ibidem. p. 19-20. Texto original: ““Congratulazioni, signora”. Automaticamente ho corretto: “Signorina”. È stato come tirargli uno schiaffo. Solennità ed allegria sono scomparse, e fissandomi con voluta indifferenza, ha risposto: “ Ah!” [...] Sia il medico che l’infermiera si comportavano come se gli fossi antipatica. Non mi guardavano in faccia. [...] Mi ha anche dato alcuni consigli [...]. L’ importante è che non fumi troppo, non compia sforzi eccessivi, non mi lavi con acqua troppo calda, non mi proponga soluzioni criminali. “Criminali?” ho chiesto, stupita. E lui: “La legge lo proibisce. Ricordi!”.

⁴Ibidem. p. 20-21. Texto original: “Temo che dovrai abituarti a simili cose. Nel mondo in cui ti accingi ad entrare, e malgrado i discorsi sui tempi che mutano, una donna che aspetta un figlio senza esser sposata è vista il più delle volte come una [sic] irresponsabile. Nel migliore dei casi, come una stravagante, una provocatrice. O un’eroina. Mai come una mamma uguale alle altre.”

⁵Ibidem. p. 21-22. Texto original: “Così sono entrata nel suo ufficio e l’ho informato. È rimasto senza fiato. Poi s’è ripreso e ha balbettato che rispettava la mia decisione, anzi mi ammirava moltissimo per averla presa, mi considerava assai coraggiosa, però sarebbe stato opportuno non raccontarlo a tutti. “Una cosa è parlarne tra noi, gente di mondo, e una cosa è parlarne con chi non può capire. Tanto più che lei potrebbe cambiare idea, no?” Ha insistito parecchio su questa faccenda del cambiare idea. Almeno fino al terzo mese avevo tutto il tempo di ripensarci, diceva, e ripensarci avrebbe dimostrato saggezza: la mia carriera era così bene avviata, perché interromperla per un sentimentalismo? Ci pensassi bene, non si trattava neanche di interromperla per pochi mesi o un anno: si trattava di mutare l’intero corso della mia vita. Non avrei più potuto disporre di me stessa e non dimentichiamo che la ditta mi aveva lanciato puntando proprio sulla disponibilità che offrivo. Lui teneva in serbo tanti bei progetti per me. Davvero, se ci ripensavo, non avevo che da dirlo. E mi avrebbe aiutato.”

⁶Ibidem. p. 58-59. Texto original: “Sono una donna, perdio, sono una persona. Non posso svitarmi il cervello e proibirgli di pensare. Non posso annullare i miei sentimenti o proibirgli di manifestarsi. Non posso ignorare una rabbia, una gioia, un dolore. Ho le mie reazioni, io, i miei stupori, i miei scoramenti. Anche se potessi, non vorrei disarmare per ridurmi allo stato di un vegetale o di una macchina fisiologica che serve a procreare e basta! Quanto sei esigente, bambino. Prima pretendi di controllare il mio corpo e privarlo del suo più elementare diritto: muoversi. Dopo pretendi addirittura di controllare la mia mente e il mio cuore: atrofizzandoli, neutralizzandoli, derubandoli della loro capacità di sentire, pensare, vivere! [...] Questo è eccessivo, è inaccettabile. Se vogliamo restare insieme, bambino, dobbiamo scendere a patti. [...] Ti faccio una concessione: ingrasso, ti regalo il mio corpo. Ma la mia mente no. Le mie reazioni no. Me le tengo. E con quelle pretendo una mancia: i miei piaceri spiccioli. [...] riprendo a lavorare, ad esistere come persona e non come barattolo, e piango, piango, piango: senza chiederti se ti fa male. Perché sono stufa di te!

Perdonami. Dovevo essere ubriaca, impazzita. [...] Che crisi di furore imbecille, che scena disgustosa. Egoista. Come stai, bambino? Meglio di me, spero.”

⁷Ibidem. p. 12-13. Testo original: “Vorrei che tu fossi una donna. [...] non sono affatto d’accordo con la mia mamma la quale pensa che nascere donna sia una disgrazia. [...] Lo so: il nostro è un mondo fabbricato dagli uomini per gli uomini, la loro dittatura è così antica che si estende perfino al linguaggio. [...] Nelle leggende che i maschi hanno inventato per spiegare la vita, la prima creatura non è una donna: è un uomo chiamato Adamo. Eva arriva dopo, per divertirlo e combinare guai. [...] Dio è un vecchio con la barba: mai una vecchia coi capelli bianchi. E tutti i loro eroi sono maschi [...]. Eppure, o proprio per questo, essere donna è così affascinante. È un’avventura che richiede un tale coraggio, una sfida che non annoia mai. [...] Per incominciare, avrai da batterti per sostenere che se Dio esistesse potrebbe anche essere una vecchia coi capelli bianchi o una bella ragazza. Poi avrai da batterti per spiegare che il peccato non nacque il giorno in cui Eva colse una mela: quel giorno nacque una splendida virtù chiamata disubbidienza. [...] Faticherai tanto ad urlarlo. E spesso, quasi sempre, perderai. Ma non dovrai scoraggiarti. Battersi è molto più bello che vincere, viaggiare è molto più divertente che arrivare [...].

⁸Ibidem. p. 13-14. Testo original: “Ma se nascerai uomo io sarò contenta lo stesso. E forse di più perché ti saranno risparmiate tante umiliazioni, tante servitù, tanti abusi. Se nascerai uomo, ad esempio, non dovrai temere d’essere violentato nel buio di una strada. Non dovrai servirti di un bel viso per essere accettato al primo sguardo, di un bel corpo per nascondere la tua intelligenza. Non subirai giudizi malvagi quando dormirai con chi ti piace [...]. Naturalmente ti toccheranno altre schiavitù, altre ingiustizie: neanche per un uomo la vita è facile, sai. Poiché avrai muscoli più saldi, ti chiederanno di portare fardelli più pesi [...]. Poiché avrai la barba, rideranno se tu piangi e perfino se hai bisogno di tenerezza. Poiché avrai una coda davanti, ti ordineranno di uccidere o essere ucciso alla guerra ed esigeranno la tua complicità per tramandare la tirannia che instaurarono nelle caverne. Eppure, o proprio per questo, essere un uomo sarà un’avventura altrettanto meravigliosa [...]. Almeno lo spero perché, se nascerai uomo, spero che sarai un uomo come io l’ho sempre sognato: dolce coi deboli, feroce coi prepotenti, generoso con chi ti vuol bene, spietato con chi ti comanda.”

⁹Ibidem. p. 14-15. Testo original: “E anzitutto, a me, interessa che tu sia una persona. È una parola stupenda, la parola persona, perché non pone limiti a un uomo o a una donna, non traccia frontiere tra chi ha la coda e chi non ce l’ha. Del resto il filo che divide chi ha la coda da chi non ce l’ha, è un filo talmente sottile [...]. Il cuore e il cervello non hanno sesso. Nemmeno il comportamento. Se sarai una persona di cuore e di cervello, ricordalo, io non starò certo tra quelli che ti ingiungeranno di comportarti in un modo o nell’altro in quanto maschio o femmina. Ti chiederò solo di sfruttare bene il miracolo d’essere nato, di non cedere mai alla viltà.”

¹⁰MAGLIE (2002, p. 61). Testo original: “In guerra, ovunque.”

¹¹FALLACI (1975, p. 30). Testo original: “Non appartieni né a Dio né allo Stato né a me.”

¹²Idem. p. 10. Testo original: “Mi prendo la responsabilità della scelta. Me la prendo senza egoismo, bambino: metterti al mondo, lo giuro, non mi diverte. Non mi vedo camminare per strada col ventre gonfio, non mi vedo allattarti e lavarti e insegnarti a parlare. Sono una donna che lavora ed ho tanti altri impegni, curiosità: te l’ho già detto che non ho bisogno di te. Però ti porterò avanti lo stesso, che ti piaccia o no.”

¹³Ibidem. p. 81. Testo original: “non crede alle regole della società. Rifiuta Dio, la patria, la famiglia, il matrimonio, gli stessi principii del vivere insieme.”

¹⁴Ibidem. p. 83. Texto original: “La gravidanza non è una punizione inflitta dalla natura per farti pagare il brivido di un momento. È un miracolo che deve svolgersi con la [...] spontaneità [...]. Se non procede in modo normale, non puoi chiedere a una donna di stare mesi e mesi distesa in un letto come una paralitica. In altre parole, non puoi esigere da lei la rinuncia della sua attività, della sua personalità, della sua libertà. [...] Evidentemente il mio collega non riconosce alle donne il diritto che riconosce agli uomini: disporre del proprio corpo.”

¹⁵Ibidem. p. 85. Texto original: “Sono millenni che ci imponete i vostri vocaboli, i vostri precetti, i vostri abusi. Sono millenni che usate il nostro corpo senza rimetterci nulla. Sono millenni che ci imponete il silenzio e ci relegate al compito di mamme. [...] Qui non si fa il processo a una donna [...]: si fa il processo a tutte le donne.”

¹⁶Ibidem. p. 86. Texto original: “un ostacolo. Peggio: una catastrofe che gli sarebbe costata un mucchio di denaro. Bastasse pensare allo stipendio da pagarle, secondo una legge assurda e riprovevole, anche nei mesi di inerzia.”

¹⁷Ibidem. p. 88-89. Texto original: “Lasciami parlare, mamma. Non avere paura. Non bisogna aver paura della verità. Del resto è già stata detta. Ciascuno di loro ha detto una verità, e tu lo sai: me lo hai insegnato tu che la verità è fatta di molte verità differenti. Sono nel giusto coloro che ti hanno accusato e coloro che ti hanno difeso, coloro che ti hanno assolto e coloro che ti hanno condannato.”

¹⁸Ibidem. p. 89. Texto original: “Soltanto io, mamma, posso affermare che mi hai ucciso senza uccidermi.”

¹⁹Ibidem. p. 92. Texto original: “mi avevi giudicato colpevole perché io mi giudicavo colpevole, mi avevi condannato perché io mi condannavo.”

²⁰Ibidem. p. 101. Texto original: “non conta. Perché la vita non muore.”

Referências bibliográficas:

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 7. ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

FALLACI, Oriana. **Lettera a un bambino mai nato**. Milano: Rizzoli, 1975.

----- . **La rabbia e l'orgoglio**. Milano: Rizzoli, 2001.

----- . **La forza della ragione**. New York: Rizzoli International, 2004.

----- . **Oriana Fallaci intervista sé stessa**. New York: Rizzoli International, 2005.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MAGLIE, Maria Giovanna. **Oriana: incontri e passioni di una grande italiana**. Milano: Mondadori, 2002.